


CLAREIRAS NO CÉU ABERTO: OU O CIMO BRANCO ONDE O SER DIVINO, EM SILÊNCIO, SE RESPIRA UM OPÚSCULO SOBRE O PENSAMENTO TEO-TELEOLÓGICO DE ANTÓNIO RAMOS ROSA

Joaquim Pinto



*“(…)Dir-se-ia que ninguém está onde Deus respira
Mas Deus é o vazio que nada é para ser ele próprio
Nunca podemos dizer que chegamos à altitude divina
porque estamos sempre chegando sem chegar
Por isso estamos sem estar no círculo do seu espaço
Deus não é uma presença mas um pressentimento
que suscita a presença mais lúcida e mais vaga
do nosso ser que se ignora e que respira a sua ignorância
e o espírito que vibra nessa errante nuvem.”*

Ramos Rosa

BREVE NÓTULA INTRODUTÓRIA E ALGUMAS RESSALVAS HERMENÊTICAS

Para alcançar a devida compreensão da filosofia poética de António Ramos Rosa torna-se necessário, antes de mais, ter sempre presente uma certa noção de fluxo integrador, linha de continuidade ou de apelo primevo cujo trilho de enraizamento se estende até à primeira noite dos tempos. Contrariamente a todas a omnímodas paradigmáticas, das quais se poderá dizer que, em cada época sua, representam inúmeros ‘estuários’ que resultam de diversas afluições e confluências de significação a montante, e que sob as suas égides sempre se atribuíram denominações que comportam o propósito de subsumir no seu leito conceptual um caudal semântico cada vez mais amplificado, algo que implica, por essência e circunstância, a constante adaptação das milhentas unidades de consciência humana em relação com esta contínua metamorfose, mas com ‘vírgulas’ que, ao invés de unirem, separam, contrariamente, dizíamos, e ressaltando as devidas proporções semânticas, a poesia de António Ramos Rosa oferta-nos um novo ‘rio’ que dispõe possibilidade de vínculo, ‘rio’ de sentimento sentido ou fluxo ‘líquido’ do tempo cujo significado primeiro e último vislumbra um ante e além tempo ou, ainda, melhor dizendo, um horizonte contínuo de adesão passível, no qual o homem assume, antes da procura e achamento, e demais que seja, a sua perda. Ainda contrariamente, não é, por isso, um ‘rio’ no qual coabitam, invariavelmente, por via das suas naturais estagnações, coagulações ou sedimentos, instaurando uma miríade de complexas sistematizações, quer possíveis, quer obliteradas pelos tempos, de que falamos, nem de um ‘rio’ que se encontre sempre determinado por balizamentos de condição ou fatalidade, que o impediriam de se tornar que naquele imenso mar que sempre o transcende, mas para o qual concorre, ou naquela ‘fonte’ antepredicativa, da qual o seu ‘sempre’ continuamente brota. Falamos, então, de um ‘rio’ sobre o qual não se diz e que só pode ser falado por quem presente “a sua extrema ausência”.

Todo este articulado introdutório concorre para realçar a distinção existente entre a filosofia poética de António Ramos Rosa e as filosofias ditas sistemáticas ou panlogistas, nas quais, não obstante quaisquer que sejam os pólos dialécticos nos quais se fixam o eixo a partir do qual se edifica qualquer sistema, são esses mesmos pólos que balizam a sua possível abrangência, quer de um ponto de vista positivo, quer negativo.

Neste sentido, na maior parte destes sistemas, principalmente naqueles de carácter epistemológico, no que respeita à ciência dita clássica, ou

psicológico ou psicanalítico, sem mais, no que respeita à consciência humana, existe objecto sempre que se conseguir identificar uma relação com o seu eixo de sustentação, isto é, enquanto o sentido, por via dessa efectivação, for exequível de ser alcançado.

Disto isto, podemos entender que, de um ponto de vista meramente epistemológico ou psicológico e, ou ainda, psicanalítico, existe objecto sempre ou até que se prove a sua ‘culpa’ semântica no sentido correlato do paradigma, isto é, e ainda no campo da metáfora, na construção do edifício desta ou daquela geografia de conhecimento, uma vez que não sendo possível provar-se a sua ‘culpa’, isto é, ser predicado e integrado no espectro adequado do sentido, isto é, e ainda, poder-se aferir, por via da prova, da sua verdade ou falsidade, estaremos perante a sua irredutibilidade, melhor dizendo, perante algo que, por não se conseguir determinar e se torna, por via dessa contingência, não num objeto, mas num obstáculo.

Esta separação da gramática feita na ‘habitação’ do objeto serve apenas para enfatizar que toda e qualquer referência feita ao mesmo é sempre referenciação de sentido em relação a um seu qualquer eixo, mas que toda ou qualquer aproximação metodológica feita aos pólos, ou aos referenciais dialécticos, nos quais o eixo se encontra fixo, apenas servirá para delimitar as fronteiras entre diferentes mundos, onde nuns habitam referenciais e noutros referenciadores e referências.

Destarte, mesmo que seja desiderato de alguns entes académicos encartados aludir a uma hodiernidade, dizem eles, de sentido contemporâneo, quer seja com o objectivo de descontinuar a memória dos tempos do sentido e estacionar os seus significados, quer seja simplesmente para iludir incautos ou capturar crentes para a sua doutrina, essas supostas luminárias, dizíamos, que orbitam em torno da academia, nada mais afirmam, mesmo não o querendo, que, apesar das variações nos tempos de referenciação, dos referenciadores e até, arriscamos, das referências e nas suas ontologias próprias, sempre houve constância nos pólos a montante e jusante, não obstante estes assumirem, consoante as épocas, diferentes nomes e abrirem novos caminhos, muitas vezes resultantes da virtude ou genialidade filosófica ou poética de quem não se conforma em viver em águas estagnadas, como é patente em António Ramos Rosa.

Feita a devida ressalva de enquadramento filosófico, é precisamente acerca das correlações entres estes pólos que pretendemos ensaiar no pensamento de António Ramos Rosa, guiados pelos opúsculos poéticos «O Deus da Incerta Ignorância» e «Incertezas ou Evidências».

1: À PROCURA DO CÉU EM «O DEUS DA INCERTA IGNORÂNCIA»

Não sendo nova, uma vez que é recorrente em muitas tradições ancestrais, a predicação 'brancura', invariavelmente feita ao céu, sendo sempre indiciadora de pureza, faz sempre referência a um estado ascético prometido de liberdade, isto é, um mundo livre de necessidades e de fatalidades, enfim, das sujidades ditas humanas, contraponto imperfeito do divino.

Neste sentido, poderemos encontrar no pensamento poético ou na razão alquímica de Ramos Rosa, ao longo dos opúsculos poéticos que nos ocupam, o ato de mundação, mundos de tempos e tempos de mundos, interpretação decorrente das seguintes menções:

1) "(...) Em qualquer caso nunca estamos perante ele | e se é a sua substância que nós multiplicamos e dividimos | ela não pode identificar-se ao seu princípio."

2) "Só nesse cimo branco renasceremos | porque nos entregamos à silenciosa respiração | do ser divino que atravessa o nosso sono | e faz resplandecer a nossa incerta ignorância."

Na primeira menção, para além de se apresentar como bastante claro a intuição da 'existência' de uma fonte de Luz ou Luz Incriada, Deus Criador ex-nihilo e o seu secreto círculo, o seu mundo, também é patente, por contra reportação, porque dir-se-ia que ninguém está onde Deus respira, a noção em Ramos Rosa de que Deus é natural vazio e constante ausência, isto é, o mundo mundado não se confunde com aquele que o munda, "Deus não é uma presença mas pressentimento". É, no entanto, na segunda menção que poderemos intuir realmente o mundo-céu em Ramos Rosa, o cimo branco onde renasceremos livres.

Esta consideração fundamental em Ramos Rosa, por certo até um pouco mítica, no que se refere aos relatos dos originais acima descritos, no entanto, não informa o propósito do alcance dessa Luz Incriada, isto é, a inteligibilidade desse Mundo de Deus, algo que se encontra vedado à razão humana, pois é Deus de mundo ignorado que para ser amado não são precisas provas, certezas e evidências, mas, outrossim, o acompanhamento da latência do Incriado como outro Mundo, o Céu, lugar de renovação de identidade e firmamento da primeira noite dos tempos. É aqui que residem os fundamentos, ou princípios, do pensamento, se quisermos, teológico de Ramos Rosa, no sentido em que, mesmo que diferentemente, todos somos reflexos imanentes desta Incriatura, em constante procura pelo achamento dessa 'brancura' prometida.

É um mantra que atravessa o primeiro opúsculo, «O Deus da Incerta Ignorância», o pressentimento daquela de Luz Incriada e do cimo branco, ou céu, que ela aponta, este como algo que decanta ou emerge das trevas como Treva distinta e Luminosa. Nos primeiros instantes poéticos, Ramos Rosa, informa-nos de que a via para a libertação se inicia pela assunção de nudez, de que se é um nada que deseja e só no amor encontra a sua consistência. É o puro sentimento que possibilita o nada vir a ser, por via da conexão à unidade ideal da Consciência Cósmica e à presença do Uno Transcendente: O Incriado. Em Ramos Rosa é evidente o desnível existente nesta relação enigmática de entre estes dois pólos, a criatura e o Incriado, nesta doce e incessante procura pelas dimensões mais profundas dos segredos do espírito que o discorrer poético do autor nos possibilita. A poesia de Ramos Rosa é uma proposta de saída desta "escuridão" gradual em que atualmente habita atualmente o ser humano e, como também aponta António Vieira, sermos o olhar madrugador e a presença lúcida e amorosa da criatura num mundo que habita no seio do Incriado

que faz mundo.

Tudo isto concorre para afirmar que tal como refere este «olhar madrugador» de Vieira, devemos, numa fase inicial, intuir que as suas leis são emanadas e devem ser reflexos dos princípios primordiais, reflexos, esses, que operam em dimensões distintas, é certo, mas que são manifestações da singularidade «sem excesso nem carência». Estes mistérios de uma procura pela Lucidez Espiritual ou Razão Alquímica em Ramos Rosa, desvelam-se quando atingimos a intuição profunda ou pressentimento de que existe um caminho para este Deus do Amor, ou caminho de Espiritualidade; caminho que configura, em primeira instância e de forma particular e exemplar, uma demanda de si mesmo a partir de uma situação-limite de assunção de carência radical, na qual a figura simbólica de «O Caminho» se apresenta como via aberta para a sua superação. É, então, por via de uma Palavra-Portadora de Ser, descritiva emocional e encantatória, na multiplicidade dos seus recursos discursivos e retóricos, que Ramos Rosa diz do ser e do não ser. Este «dizer» reveste-se de um carácter único e originário, não apenas na perfeição das suas formas múltiplas, na riqueza das referências culturais que encerra, mas também na coragem das suas propostas.

Para a maior parte dos 'caminhantes', esta situação de superação da carência radical transmuta-se num trânsito contínuo entre as suas dimensões constitutivas: o mundo do espírito e o espírito do mundo, num caminhar que se apresenta direcionado a uma finalidade: a ascensão ao céu, ou, nas palavras de Ramos Rosa, ao «Cimo Branco» ou «Pureza Celeste». A aceitação da sua natural carência radical leva os futuros caminhantes à decisão entre a finitude possível de um beco sem saída ou a demanda por uma espiritualidade plena. É por via desta atualização dramática da condição humana, pois, não por acaso, frente às águas do Atlântico, que o poeta nos canta o sentir imerecido de Deus que em si desce.

É precisamente através deste pórtico inaugurado por este movimento catabático que avançamos com a nossa peregrinação por uma poesia tão rica e inesgotável em interpretações. Logo aqui assinalamos, como aponta o intitulado, o pressentimento anagógico da existência de uma promessa unificadora entre Incriado e Criatura, o alcance do céu, sob o descritivo alegórico, quicá de ressonância ancestral, mas também de algum modo homólogo, «Cimo Branco», portal de descensão do sopro benfazejo e mareante de Deus, que liga os tempos, pois é antigo como o mar e novo como as ondas, como diria Chillida.

Se flutuamos nas «ondas» desse mar, aqui também não é indiferente o lugar que em Ramos Rosa o coração toma sobre si, como órgão empático por excelência. Ele assume-se aqui não só como o recetáculo do sopro divino, prelúdio de um caminhar que melhor guiará e preencherá o coração dos caminhantes pela peregrinação abissal e, por vezes, amarga do oceano deserto do mundo, feito de dunas labirínticas, de desesperos, de lamentações, mas também de convicção, conforto e esperança. Esta metáfora do coração constitui-se assim como o centro, o ponto de partida da jornada que a poesia de Ramos Rosa no exorta a trilhar, pois é lugar de movimento oscilante, de sístole e diástole, de purificação e de escolha interior, de sentimentos e de sabedoria. Senda perigosa que só pode iniciar-se pela decisão interior (metanóia) de demanda pela liberdade e de busca pelo Cimo Branco.

Como também já apontavam as poesias de Pascoaes e Antero, em «O Deus da Incerta Ignorância», Ramos Rosa, a partir desse vaso vital, desse recetáculo aparentemente esvaziado ou ausência grávida, reconstrói e restitui a identidade espiritual aos portugueses, algo que já se houvera perdido, fundido e dispersado pelos imensos desertos do mundo. Neste sentido, não será despiciendo amplificar a versada referência feita pelo

autor, nos opúsculos que nos ocupam, ao sopra ou ao bafo, este último, não poucas vezes, sumptuoso, à própria poesia do autor, como se de uma tentativa de libertar uma voz que se encontrara presa se tratasse, aportando assim a uma oralidade ainda ‘mais-possível’, até prenhe de uma ingrediência ultra semântica e cuja razão de escolha radica no facto de também poder funcionar como meio promotor de identidade espiritual entre caminhantes, servindo esta quase oralidade como um centro de encontro unificador, diferenciador, mas sempre unitário de uma comunidade arquetípica. Esta opção, que é também um topos de pertença cultural e um ponto motriz de partida, funciona como um seio ou útero materno, como refere o autor, por via do qual os caminhantes se nutrem de sentido e que lhes proporcionará não só uma anamnese refundadora da consciência espiritual, mas um reposicionamento na ordem temporal do seu horizonte de futuro, retomando a peregrinação em direção a um lugar que não é uma mera utopia, mas outrossim um topos bem definido, a Clareira da Luz Branca, ou Cimo Branco, aqui como referência última na procura de um Ethos Espiritual ou de uma busca de um si mesmo (raiz primeva), de um lugar – uma habitação ou casa onde o ser divino se respira em silêncio. A linha condutora do reconto poético desta narrativa ancestral encontra-se e joga-se numa tensão inicial genésica. E de que forma se nomeia aqui Ramos Rosa este Incriado? Esse Outro radical, transcendente e único que emanou possibilidade de criação, por um ato incondicional de amor, espelhando-se como num espelho de água? - Exprimindo-O pela interjeição amorosa de «Deus do Amor». É neste contexto que se inscreve, também, a situação do homem, aquele “nada que deseja”, pois as suas palavras, tribulações, consolações e obras tomam, na poesia de Ramos Rosa, lugar como instrumentos de manifestação da vontade livre possibilitada pelo Deus Benfazejo, O Simples: escutando-O ou ignorando-O; dizendo-O ou calando-O. À guisa de conclusão, deixemos falar nas linhas as palavras de Ramos Rosa, que termina o opúsculo com a seguinte ‘dedicatória’, ou enlevada expressão, onde se encontra patente o temos vindo a aludir: “Ao deus [sic] que ignoro mas desejo | para estar nele como numa folha de silêncio de água | ofereço o que em mim é nada e nada quer | porque tudo o que eu conheço é a sombra desse nada.”

2: TELOS E OUTRAS RESSONÂNCIAS EM «INCERTEZAS E EVIDÊNCIAS»

É a natureza elemental que sustenta o cenário idílico que acolhe este segundo opúsculo, onde discursam e convergem diáfanos protagonistas animados, como se para eles rememorar e refocilar só aqui e assim fosse possível. É, dizíamos, no refúgio da natureza que tudo se passa como se nos sentíssemos carentes de regresso a uma fonte original onde as nossas próprias lágrimas e as águas de um rio próximo assumem um caráter catártico, purificador.

O choro amargo da carência, expressão da alma errante e atribulada, e as lágrimas purificadoras do sentimento situam-nos no início do trilho que, seguindo-o, nos levará à morada onde poderá aportar a alma atormentada: o Céu. Ramos Rosa mostra-nos que esta tensão interna leva o caminhante a começar o seu processo de transmutação ou regresso ao ser de si mesmo. Assim se inicia a predisposição e o processo da escuta atenta do silêncio, ofício explanatório de amor e esperança num imenso bem por via de uma suma glória.

Em Ramos Rosa, a morte, bem como a dor, a tortura, o sofrimento, bem como o erro, são apenas passagens ou veredas ásperas que também se apresentam como uma oportunidade de experiência, aprendizagem e redenção ou resgate. Possibilidade, também, para a afinação da atenção, escuta, intuição ou conhecimento ou vivência plena da (re)visitação divina. A questão fundamental será, então, «não perder a alma», isto é, não se deixar aprisionar num dos pólos da dialética metáxica: morte (por sofrimento, infidelidade ou vazio ou ausência do divino – seria esta a noção de inferno em Ramos Rosa) versus vida realizada (por fidelidade ou plenitude ou presença do divino, alcance do Céu ou Cimo Branco).

Mesmo nos abismos de dor, não perder a esperança e abrir “na nossa sombra um espaço”. Há como que um mar amargo e um deserto abrasador de lume e padecimentos cuja travessia se tem de empreender, durante a qual se terá de reconhecer os limites da dor insuportável e do grito indizível da carência. O essencial será então, neste contexto, nunca deixar de procurar o caminho, o trilho ou o socorro divino, por via da busca de um silêncio que seja voz no ‘dentro’ de cada um, uma voz que é a Voz-Fluxo do silêncio do «ser» e bafo do «vir a ser», e também voz mesma do sujeito mesmo que busca a Voz e o objeto da sua demanda.

Fazer cá a nossa casa lá, sempre edificando e reedificando ‘clareiras’ abertas a um céu de pleno de sentido, mesmo que ciclicamente destruídas, corresponde, deste modo, à homologação final entre a nossa morada Terrestre e este celeste Mundo da Luz Branca, Cimo Branco lenta e silenciosamente desvelado pelo autor, que, em certa medida, se encontram plasmados como objetivos últimos de uma peregrinação poética, material e espiritual, interior e exterior.

Para qual tal peregrinação se faça de forma benfazeja, é sempre necessário ter presente a consciência da errância da condição humana e, simultaneamente, não louvar penhora a bens terrestres, insígnias de vã glória que em tudo se assemelha a um desfilar de sonhos numa realidade que tem nada mais que uma mera consistência onírica. A Razão Divina prevalece, mesmo perante supostas desgraças. As perdas sucessivas podem-se metamorfosear pela consciência dos nossos erros e não serem entendidas como fatalismos, mas como a afirmação de uma liberdade de escolha. A presentificação e confissão dos erros, racional e finalmente revividas e entendidas, poderão torná-los, por fim, aceites. Por via da revelação, é este o passo primeiro para uma interiorização plena de um providencialismo divino e personificado pela virtude e preenchido pelas preces e cânticos de louvor ao Divino.

A memória ou anamnese, inteligência ou racionalidade e intuição, imaginação ou emoção são faculdades, chamemos-lhes assim, que em Ramos Rosa se entrecruzam no decurso de ambos os opúsculos, entrelaçando-se, intensificando-se, até se materializarem numa escrita que se transcende e transmuta na fruição de um eterno momento da ordem do inefável e, por via de uma imunidade à condição imposta pelo seu tempo, que assim se torna poesia. Manifestações e vivências sensíveis, expressões, pois, de uma sensibilidade e de uma sensualidade de metamorfose, dada essencialmente pelo sentido da visão alquímica de Ramos Rosa, dita na primeira pessoa do singular, numa fruição onde o material e espiritual se volvem finalmente em unidade, tal é o sentido de uma ressuscitação e descensão do espírito lusitano em descendentes atuais que hoje se vestem do seu paramento.

«Vestir do seu paramento», metáfora que alude às vestes e ao ethos, requer, antes de mais, um despojar, despir ou mesmo um arrancar da veste suja e expor a sua nudez humilde, expiando a tormenta que um dia se recompensará pelas vestes verdadeiras concedidas: em suma glória jurada em amor.

ALGUNS – POUÇOS – APONTAMENTOS FINAIS

A poesia de Ramos Rosa, no que respeita ao seu discorrer, sustenta-se na Palavra portadora de Ser como legitimadora de transmissão do sentido etiológico de uma Singularidade Primeva, querendo, assim, o autor, nos apresentar a existência de uma Entidade Incriada, espargida por emanação de Si mesma, naquilo a que o ‘bardo’ de Faro designou por Sopra ou Sumptuoso Bafo, qual manifestação do Espírito ou Fluxo Energético Universal. Embora quanto ao processo que origina a onipotência e a onisciência da Singularidade Incriada existam algumas divergências, de acordo com as diferentes correntes interpretativas, há uma noção que é comum: O Incriado em nada se assemelha à criação e nenhuma imagem Dele poderá ser feita, visto que qualquer alusão feita a esta entidade suprema, Incriada, se refere apenas à manifestação mediada e sentível da Sua energia, e não à sua Essência Singular.